

APROXIMAÇÕES

LUDMILLA ALVES

Ludmilla Alves é artista visual, pesquisadora e professora. Bacharel em Comunicação Social (FAC/UnB). Doutora em Deslocamentos e Espacialidades e mestre em Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília (PPGAV/UnB), com a tese *Rotas, Raízes e Devorações – re-voltar a pintura e outras histórias selvagens* (2021), e a dissertação *Noite Oblíqua* (2016). Atualmente, como professora da Secretaria de Estado da Educação do DF, trabalha com arte e educação no contexto do ensino básico. Atua nas áreas de teoria e história da arte, métodos e processos de criação artística com foco em arte contemporânea. Os trabalhos visuais estão voltados para investigações com o Cerrado, transformações da matéria, ficções, experiências com o tempo e o campo da pintura, em diálogo com textos, poemas, proposições, colagens, intervenções, instalações, entre outras. Expõe e publica regularmente desde 2013.

A decomposição da ideia racional de pintura sugerida por Robert Smithson em *Uma sedimentação da mente: projetos de terra* (1968) é o pano de fundo deste texto, onde convivem escrita poética, acadêmica, pequenas proposições, notas de ateliê e alguns geopoemas. São exercícios de aproximação da proposta de ver o mundo como pintura. Procuram descrever, no sentido de compartilhar, a manifestação do pictórico no mundo. Tais manifestações, inseridas em um contexto de pesquisa com a palavra selvagem, parecem nos aproximar também, de algum modo, de práticas, notações e inscrições ligadas ao tempo - como experiência, como ponto de vista, como agente. Proponho a leitura em seus aspectos visuais: cenas retiradas de um percurso maior, correspondente à elaboração da tese de doutorado onde nascem as palavras aqui reunidas e o desejo de aproximação de práticas que nos orientem em direção a perspectivas descentralizadas nos modos de ver e fazer arte.

ponto
de vista;
selvagem;
pintura;
experiências
com o tempo.

*enquanto eu pensava nisso
ocorreu-me o seguinte
que também eu poderia viver
800 milhões de anos aqui, neste planeta*
[Itamar Assumpção]

notas

Procuro dizer algo sobre estar aqui enquanto me lembro dos versos de Itamar Assumpção em *Totalmente à Revelia*, de 1983. O título parece uma boa pista para um aqui talvez rebelde, inquieto, talvez selvagem, cotidiano como a revolução dos ossos do calcanhar na execução de um passo. Poderoso talvez como as revoluções presentes em gestos elementares.

Notar o aqui como, e quando, princípio de re-volta¹. Uma coincidência de tempos que se projetam e se precipitam em gestos mínimos e corriqueiros. Andar. Olhar: a confluência de camadas de cor e textura acumuladas na superfície de uma parede de rocha. Uma fotografia dizendo, silenciosamente: aquele aqui de 8 anos atrás. Seguida de outra. Uma ilustração da terra há milhões de anos retrata o momento em que um dinossauro observa no céu a passagem de um corpo celeste flamejante².

Seguro uma pedra sem pensar no peso, na fissura geológica da qual desprende esse fragmento de rocha onde se sobrepõem diversas manchas coloridas, as impressões digitais de uma mulher e a marca da passagem do verde do lagarto, junto do rasgo de água da chuva.

1 O termo re-volta, bem como a investigação em torno da palavra selvagem e outras ideias-conceitos sinalizados aqui, de passagem, são estruturantes para a pesquisa de doutorado da qual partem os trechos. Para uma leitura aprofundada, os termos encontram-se desenvolvidos na tese de doutorado *Rotas, Raízes e Devorações - re-voltar a pintura e outras histórias selvagens* (Ludmilla Alves, PPGAV-UnB, 2021). Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42638>

2 SMITHSON, 1979, p.33.



FIGURA 1.
DETALHE DA PAREDE DE ROCHA EM FERCAL (DF). ARQUIVO
DE ESTUDOS E CAPTURAS PICTÓRICAS DA AUTORA, 2021.

*

casa-caverna

Meus pés sonham suspensos no abismo
[Roberto Piva]

“A ideia racional de “pintura” começa a se desintegrar e se decompor em vários conceitos sedimentários”³. Mente e matéria se acompanham. O corpo responde ao mundo que responde ao corpo, num giro contínuo de influências, às vezes não muito localizáveis. Observar uma parede repleta de manchas marcas mofo infiltrações cores texturas histórias microorganismos.

Reconhecer a espera como um gesto. Investigar os cantos da casa. Notar os caminhos de formiga. Os rastros de lesma. A proliferação da poeira e do mofo à revelia dos vorazes movimentos de extermínio. Partículas selvagens habitam frestas e tomam paredes. Na pintura moram gestos não humanos.

*

ritual do Grande Presente

*Somos os propositores: enterramos a obra de arte como
tal e solicitamos a vocês que o pensamento viva pela
ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o
passado nem o futuro, mas o agora.*
[Lygia Clark]

3 SMITHSON, 2006, p.194.

*

cravei as unhas no coração da bananeira

*A pronunciar, depois de ter pilado com uma pedra de corisco, certo número de flores (Bananeira), de ervas (de Elefante), de grãos e de plantas, uma minhoca e uma pena de pássaro (Coruja), ter espalhado o preparo sobre pedaços de pano vermelho presos nos quatro cantos de uma mortalha e ter costurado tudo. Então era isso, nossos trabalhos? É isso aí.
[Chaya Ohloclitorispector⁴]*

O coração da bananeira é um órgão muscular e cada casca menos rígida em direção ao centro. Enquanto descasco, se justapõem as imagens dos corações da humana e da bananeira.

Enquanto descasco, avanço em direção a uma cor cada vez mais clara para dentro do coração, dedos e unhas impregnados de escuro pelo contato com o líquido pegajoso e transparente da seiva. Disponho as cascas em fileiras que se acumulam e mudam de tom entre fúcsia, amarelo, quase branco, verde-amarelado muito claro, vermelho escuro virando terroso, roxo.

Enquanto descasco me lembro do quintal da tia Antônia. Tudo quando era planta maracujás e bananeiras. Para meu tamanho de criança, aquele metro quadrado era selva. Gostava de entrar no meio dela e ficar lá, esquecida do mundo, na caverna das bananeiras. Descobri registros de mais de dez mil anos sobre seu cultivo na Ásia. Também do cultivo antigo na Guiné, de onde vem a palavra banana. Encontrei a crença Hindu em Pontiak: entidade feminina que mora na bananeira durante o dia e representa o espírito de mulheres que morreram grávidas. Segundo essa crença, uma mulher mora no coração da bananeira. Faz todo sentido. Soube no mesmo dia que um navio carregado de bananas pode ser detectado por radares de radioatividade. Mais espantoso que sabê-las radioativas é ficar imaginando esse navio, o tamanho dessas cargas, as bananas cruzando o oceano aos cachos, às pencas, aos montes, em travessia marítima para algum lugar muito longe das bananeiras e dos corações de onde vieram.

Depois de muitas cascas, chegamos ao centro do coração. Cortei. Ferri três vezes, como manda a receita. Temperei com ervas, pimenta, sal. Comi-o.

4 Um dos nomes de autoras e autores fictícios utilizados por Jean-Christophe Goddard em: Brazuca, negao e sebento, 2017

*

a cena muda

Voltei aos bichos. Recomecei a perguntar aos cantos. Outro dia uma lesma percorreu o perímetro do quarto cuja faxina beirou a reforma.

Foi preciso mais de uma dose de vontade para tirar o mofo, as camadas, as cascas. Quase virei outra. Enquanto essa domesticação de um cômodo acontecia, eu pensava, ou me tornava, para a ocupação de manchas e microrganismos, uma força ameaçadora, agressiva, atroz.

Civilizando as paredes.

Durante e depois, a vida passou a ser ato contínuo-performático: os pés; as lunações do corpo; a dança das aranhas e a minha; os indícios, pela linha do rodapé, da existência de um formigueiro imenso por baixo da casa inteira.

No dia depois do seguinte, continuei a escrever, escrever. Escrever, só. Sem rota. Cacos, sonhos, projeções. Talvez a escrita seja casca desprendida das coisas todas que se quer dizer. Ou não se quer dizer. Talvez seja o avesso da espera. Talvez seja: presença.

(Pausa)

Naquela conversa, você falou: estamos naturalizando a morte.

Eu quis dizer não, mas aí pensei no tempo.

Nos números.

Na notícia.

Um luto atrás do outro.

Estou lembrando disso enquanto preparo um poema em desordem alfabética onde convivem as pedras, o fim do mundo, as coisas plurais, o sonho do touro e o perigo à espreita, a revolução que não virá, que virá, a selva dentro e entre nossas cabeças.

*

geopoemas

[trabalho das capturas, volume 1]

Em geral, costuma ser assim: nomear para ter; nomear para conhecer; nomear para explorar. A nomeação às vezes parece ser, já, exercício da exploração. Mas pode ser, nomear, uma forma de aliança? Se substituo explorar por especular ou investigar estou amenizando somente o som da palavra ou o sentido da palavra? E se troco explorar por imaginar? Em que medida a decisão de amenizar algo não é também violenta? E em que medida a nomeação pode ser, ou se tornar, um exercício de escuta?

A partir do visto, faço inventários. São palavras endereçadas a imagens, Talvez elas possam repovoar a imaginação das páginas. Com o tempo, podem deslizar para outras superfícies e também assumir formas diferentes dessa que se apresenta aqui. São cenas e coisas que vi caminhando, desde quando ainda não usávamos máscaras. Uma parte da escrita busca apreender o instante do visto. A outra, age como que por recordação. Não diria que está terminada.

Inventário de montes

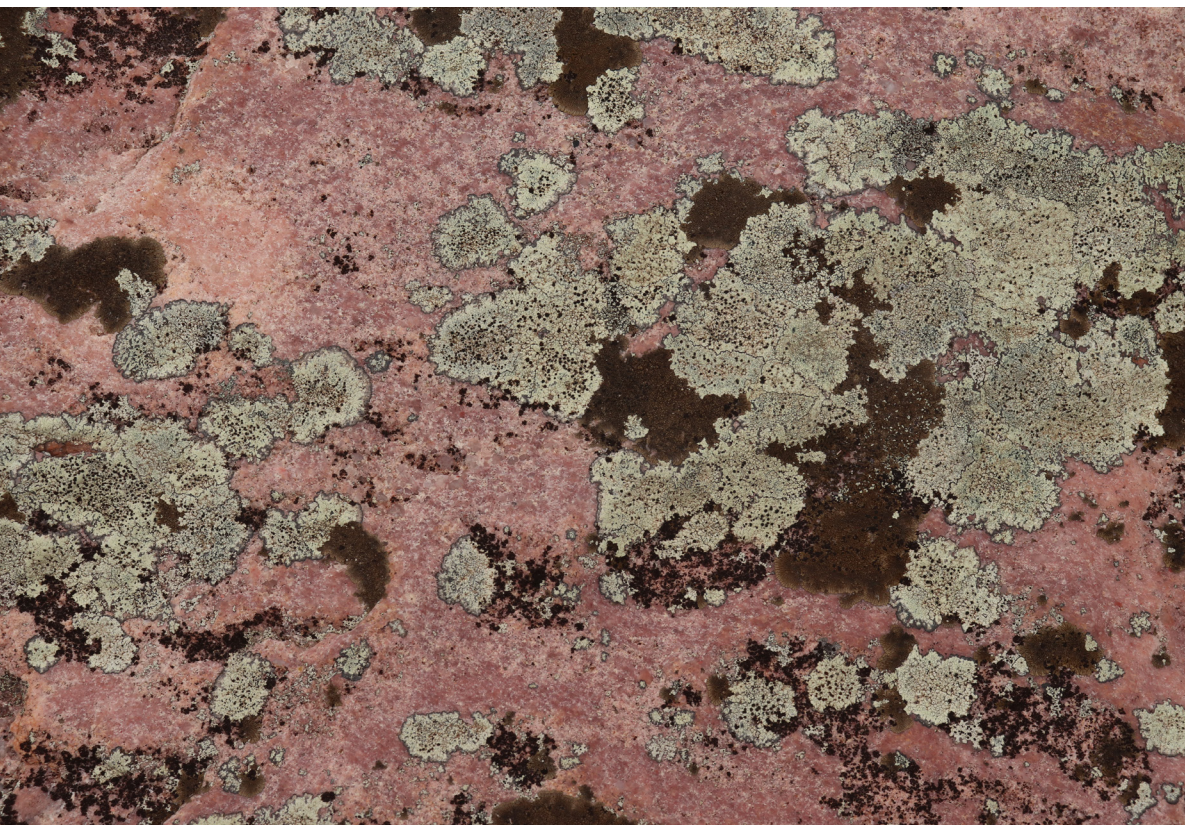
Montes de asfalto. Montes de terra. Montes de cupim. Montes de formigas. Montes de cercas. Montes de muros. Montes de restos. Montes de nomes. Montes de países. Todos os montes pertencem a algum bicho. Todos os montes estão aliados a rios subterrâneos. Tudo indica que as águas dos rios, antigas donas daquelas terras, encontram-se capturadas pela malha de canos. Todos os rios foram encanados. Todos os montes tem nome de mulher.

Inventário de árvores

Primeira hora do dia, começar comendo raízes. Às vezes imagino raízes como infiltrações: onde chegaria se pudesse caminhar com elas? A raiz é uma árvore negativa. Talvez seus caminhos nos levem ao centro da terra. A outro raio do mundo. Enquanto isso, vejo árvores nativas e árvores alienígenas. Árvores como prédios e prédios do tamanho de árvores e prédios muito maiores do que árvores e ruas em que não sabemos onde estão as árvores. Árvores estrangeiras. Árvores daqui. Aprendo que árvores transmutam. Camuflam plantas rasteiras. Plantas hospedeiras. Espinhos de plantas no caminho das árvores agarram à roupa. Árvores de muita fruta caindo nos pés do asfalto. Li que por meio das sementes as árvores podem voar. Todas as árvores são nômades.

Inventário de rios

Um mapa subterrâneo sob nossos passos. Rios correm por dentro de buracos negros. Muita água enjaulada. Rio da tempestade. Rio do desassossego. Rio da espera. Rio da escuta. Rio da tormenta. Rio da prata. Rio do ouro. Rio das pedras. Rio de água santa. Rio de lama. Rio do sonho. Rio da transformação. Rio da fuga de águas represadas. Estou procurando um rio chamado selvagem, mas ele não existe. Caçadoras de rios escutam o som de canos devorando a água. Quando aparece uma goteira no meio da noite você entende não só que há água constantemente presa ali, mas que no menor descuido ela quer escapar. Ainda que seja a conta-gotas. Por aí também passa um rio.



FIGURAS 2 E 3
DETALHES DO LEITO DE UM RIO EM IGATU (BA). ARQUIVO DE
ESTUDOS E CAPTURAS PICTÓRICAS DA AUTORA, 2023.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ludmilla. *Rotas, Raízes e Devorações - re-voltar a pintura e outras histórias selvagens*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (PPGAV-UnB), 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42638>.

CLARK, Lygia. *Lygia Clark*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

GODDARD, Jean-Christophe. *Brazuca, negao e sebento*. São Paulo: N-1 edições, 2017.

SMITHSON, Robert. *Robert Smithson, The collected writings*. New York: New York University Press, 1979.

_____. *Uma sedimentação da mente: projetos de terra*. Em: COTRIM, Cecília e FERREIRA, Glória. *Escritos de Artistas, anos 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.194.